

Plantas daninhas e voluntárias de algodão na sucessão de culturas em sistemas de produção

Yury Cesário de Oliveira¹, Alexandre Cunha de Barcellos Ferreira², Ana Luiza Dias Coelho Borin³, André Luiz Barbieri⁴

A cultura do algodão herbáceo no cerrado brasileiro tem predominado em sistemas de produção caracterizados pelo cultivo intensivo do solo, prevalecendo nos esquemas de rotação ou sucessão as culturas da soja, do milho e do feijão, dentre outras espécies, em menor proporção. Também tem sido muito usual o cultivo de soja, milho e algodão geneticamente modificados para resistência a herbicidas. Dessa forma, a dinâmica de plantas daninhas e de plantas voluntárias de algodão pode ser influenciada em função das espécies usadas em safra e segunda safra, como culturas comerciais ou como espécies formadoras de palha para cobertura do solo. O objetivo do presente trabalho foi avaliar a incidência de plantas daninhas e plantas voluntárias de algodão geneticamente modificado para resistência ao glyphosate (Roundup Ready Flex - RF) em esquemas de rotação e sucessão de culturas integrantes de sistemas de produção do algodoeiro. Um experimento foi instalado, na safra 2015/2016, com 15 tratamentos correspondendo a esquemas de rotação e sucessão de culturas. O delineamento experimental foi o de blocos ao acaso, com quatro repetições. As culturas do feijão, soja, milho, algodão e sorgo foram semeadas entre novembro de 2015 a março de 2016. Em 16 de novembro de 2015 foi avaliado o número de plantas voluntárias de algodão RF, em todas as parcelas experimentais que tiveram algodão como cultura antecessora. O número de plantas voluntárias foi analisado estatisticamente, e não houve diferença entre os tratamentos. Na média foram 3,7 plantas m⁻². Contudo, observa-se que serão necessários ajustes na metodologia de avaliação de plantas voluntárias de algodão, pois os caroços de algodão envoltos pela fibra e caídos no solo e a variabilidade da distribuição espacial na superfície do solo, resultaram em diferentes fluxos de germinação e de emergência das plantas voluntárias, consequentemente gerando elevado coeficiente de variação. No final da safra de algodão, entre setembro e outubro de 2016, antes do início da próxima safra, será avaliado o número de plantas daninhas. Assim, ainda não existem resultados de plantas daninhas que possibilitem análises e interpretações dos tratamentos em estudo.

¹ Estudante de graduação em Agronomia do Centro Universitário de Goiás-Uni-Anhanguera, bolsista PIBIC CNPq, Embrapa Algodão, Núcleo Cerrado da Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás, GO, yuryoliveira96@gmail.com

² Engenheiro-agrônomo, D.Sc. em Fitotecnia, pesquisador da Embrapa Algodão, Núcleo Cerrado, Santo Antônio de Goiás, GO, alexandre-cunha.ferreira@embrapa.br

³ Engenheira-agrônoma, D.Sc. em Solos, pesquisadora da Embrapa Algodão, Núcleo Cerrado, Santo Antônio de Goiás, GO, ana.borin@embrapa.br

⁴ Técnico Agrícola da Embrapa Algodão, Núcleo Cerrado, Santo Antônio de Goiás, GO, andre.barbieri@embrapa.br